

## **Análise de símbolos em diplomas maçônicos**

*Analysis of the symbols in masonic diplomas*

**Larissa Patron Chaves**

**Márcio Dillmann de Carvalho**

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – Pelotas – Rio Grande do Sul - Brasil



**Resumo:** Este artigo tem como objetivo evidenciar reflexões realizadas na pesquisa de Mestrado em História da Universidade Federal de Pelotas, intitulada: “As Sociedades Teosóficas e a Maçonaria Mista em Pelotas – crença e poder no extremo sul do Brasil (1902-1939)”. Neste trabalho, são analisados símbolos e emblemas das Sociedades em questão no que refere as formas como se auto representaram e fomentaram questões de identidade e pertencimento na sociedade pelotense do período. As imagens analisadas, decorrentes de diplomas, fazem parte do acervo do Museu Maçônico Rocco Felipe que salvaguarda, entre outros documentos, um número significativo de dados sobre as instituições. Considerando a importância da história da maçonaria e teosofia para a cidade, e região do extremo sul do Estado, a pesquisa mostra as formas de representação simbólicas da instituição, demonstrando o processo de assimilação e ressignificação.

**Palavras-chave:** Maçonaria. Diploma. Símbolo.

**Abstract:** This article has as objective to evidence reflections carried through in the research of master's degree in History of the Federal University of Pelotas, intitled: “The Theosophical Societies and the Mixed Freemasonry in Pelotas - Belief and power in the south extremity of Brazil (1902-1939)”. In this work, symbols and emblems of the Societies are analyzed in what it relates the forms as if auto they had represented and they fomented questions of identity and belonging in the pelotense society of the period. The analyzed, decurent images of diplomas, are part of the collection of Freemasonry Museum Rocco Felipe that safeguards, among others documents, a significant number of data on the institutions. Considering the importance of the history of the freemasonry and theosophia for the city, and region of the south extremity of the State, the research shows to the symbolic forms of representation of the institution, demonstrating the process of assimilation and redefinition.

**Keywords:** Freemasonry. Diploma. Symbol.

## 1 Introdução

A cidade de Pelotas é reconhecida no Brasil pela beleza de seus casarões, sua história de opulência e riquezas, advindas de épocas áureas, principalmente devido aos ricos charqueadores que influenciados por uma cultura europeia, vislumbravam espelhar as características e belezas da cultura “moderna e culta” daquela época.

Estes aspectos sociais e econômicos fizeram com que a cidade de Pelotas continuasse desenvolvendo outras características. Com o intercâmbio e a influência de grandes centros, gerou, pelo menos no século XIX, o pioneirismo do município em aspectos culturais, evidenciado pela criação da primeira Loja Teosófica no Brasil e a primeira Loja Maçônica mista no Estado do Rio Grande do Sul.

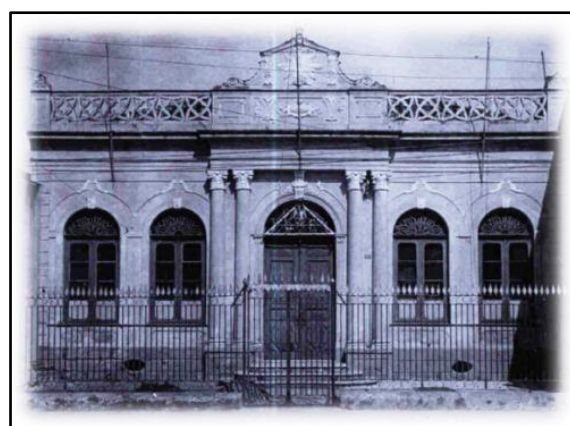
A maçonaria é rica em histórias, conceitos e mitos, suas amplas definições são indispensáveis para entender os aspectos dos seus símbolos. Segundo SILVA-2009, maçonaria segundo suas tradições:

Referem-se, em linhas gerais, à construção do Templo de Salomão, como episódio fundador (maçonaria primitiva); às tradições dos Cavaleiros Templários e aos mestres construtores de catedrais e suas corporações, na Idade Média (maçonaria operativa); e , finalmente, ao estabelecimento da maçonaria moderna (especulativa), na Inglaterra do início do século XVIII, com a fundação da Grande Loja de Londres. (SILVA, 2009, p.76)

Mesmo que a história da Maçonaria brasileira ainda hoje possua lacunas podemos lançar ideias deste embrião em momentos históricos do país. Sua chegada teria direta relação com a vinda de estrangeiros pós 1500, além dos períodos da ocupação da França e Holanda em regiões do país. Alguns acreditam que a primeira loja maçônica no Brasil teria sido formada por tripulantes da fragata francesa *La preneuse* em 1797, que montaram a Loja denominada Cavaleiros da Luz, na Barra, Bahia, e outros que, oficialmente a primeira loja no Brasil foi a Loja Reunião, fundada em 1801 no Rio de Janeiro, filiada ao Oriente da Ilha da França, antigo nome das Ilhas Maurício. (CARVALHO, 2010, p. 32)

A pesquisa desenvolvida sobre estas duas instituições demonstraram a influência da maçonaria<sup>1</sup> na cidade, tanto que a principal fonte de pesquisa para este trabalho vem do Museu Maçônico Rocco Felipe<sup>2</sup>, instituição que concentra um rico acervo documental. Neste acervo observamos uma grande quantidade de diplomas referentes à Lojas maçônicas diversas, documentos repletos de representações simbólicas, que aumentam e aguçam ainda mais a curiosidade que acompanha a maçonaria.

**Figura 1 – Foto Antiga - Loja Fraternidade nº 3- Museu Maçônico Rocco Felipe**



Fonte: Acervo Museu Rocco Felipe

Pouco se sabia da criação do Museu maçônico, a inexistência de documentos inviabilizou durante muito tempo essa resposta, que somente foi elucidada através de relatos orais realizados na pesquisa efetuada para o curso de Bacharelado em Museologia em 2011.

O Sr. Allan Kardec recordou que na década de 60, quando era Venerável Mestre da Loja Fraternidade Nº 3, foram realizadas reformas

<sup>1</sup> Maçonaria: Sociedade de homens ditos livres e de bons costumes, admitidos por iniciação. Sociedade secreta tradicional de cunho universal, fraterno, progressista, filosófico, filantrópico, místico e libertário. (PUSCH,1982, p.121)

<sup>2</sup> A Loja Maçônica Fraternidade Nº 3, é uma instituição de mais de 160 anos, que teve origem da união de três lojas antigas de Pelotas-Rio Grande do Sul, Honra e Humanidade, Rio Branco e Lealdade. Em 1996, o Museu da Loja recebe o nome de Rocco Felipe. em homenagem ao comerciante Italiano nascido em 1876, iniciado na Maçonaria no Rio de Janeiro na Loja Capitular Salomão e primeiro Venerável Mestre da Loja Fraternidade Nº 3, em 1923.

em algumas dependências, e na sala da entrada ao retirarem o assoalho de madeira, o Sr. João Manoel Stone Fonseca, secretário na época, encontrou abaixo, uma moeda de 200 Réis, e na ocasião ao mostrá-la para o Sr. Kardec, lhe deu a ideia de fazer um museu na Loja. (CARVALHO, 2011, p. 28)

O ato de guardar ou colecionar objetos que acabou formando o acervo do Museu Rocco Felipe é marcado por características e motivos diferenciados. Um dos aspectos que explicam a existência do acervo é o fato de estar atrelado a uma escolha individual, muitos membros dessa fraternidade, pedem aos seus familiares que os itens maçônicos sejam devolvidos para sua loja após sua “passagem para o oriente eterno”<sup>3</sup>. Nota-se então que a doação não teve um padrão organizacional institucionalizado, mas, essa característica possibilitou um acréscimo numérico do acervo. (CARVALHO, 2011, p.33)

Neste ambiente, acondicionado em três grandes pastas, estão armazenados dezenas de diplomas, repletos de símbolos e emblemas. Certamente, a simbologia maçônica é utilizada para a transmissão de uma mensagem característica ou prática moral que o participante deve seguir e respeitar.

## 2 A representação das imagens: os símbolos e suas identidades

Conceitualmente podemos ver diferenças entre símbolos e alegorias, dependendo do autor. No Dicionário Filosófico de JAPIASSU & MARCONDES, o símbolo é: “.. um objeto que representa outro de forma analógica ou convencional.”, Já alegoria é uma “ representação de uma ideia por meio de imagens”<sup>4</sup>. Torna-se visível que a alegoria gera novas possibilidades de significados, distinguindo-se do símbolo, pois usa a realidade representada de cada elemento, e não de seu conjunto. Mas o importante é que os signos, símbolos e alegorias, relacionados

com um sistema de identidade de uma sociedade, promovam o conhecimento e o pertencimento.

Segundo Chartier “...a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é.” (CHARTIER, 1991, p.13) Desta forma podemos entender que as representações são os resultados de um processo ou prática simbólica.

Por outro lado, a utilização de símbolos não é uma característica somente da maçonaria, desta forma a própria instituição adere e reutiliza símbolos e representações em seu cotidiano, que originalmente podemos encontrar em grupos mais antigos, às vezes aludindo os mesmos significados ou representando algo totalmente diferente.

Dominando ou não seus reais significados, pretendo demonstrar algumas representações simbólicas encontradas nestes trabalhos tipográficos e através de detalhes das imagens dos diplomas maçônicos, realizar uma leitura e uma análise de seus significados.

Os diplomas maçônicos eram usados na forma de título, para aqueles que alcançavam alguma elevação ou crescimento nos ensinamentos da instituição, servia também como documento de reconhecimento para os demais, apresentá-lo em outras Lojas permitiriam o reconhecimento mútuo ou auxílio.

Em sua grande maioria são litografuras padronizadas, onde nos espaços brancos pode-se preencher a data e as assinaturas daqueles que compõem a administração da loja<sup>5</sup>, além do lugar para carimbo ou chancela, e por fim o *Ne Varietur*<sup>6</sup> daquele que recebia esta digna honraria.

<sup>3</sup> Terminologia empregada por maçons e que indica a morte. (PUSCH, 1982, p.126)

<sup>4</sup> Hilton Japiassú e Danilo Marcondes compilam vários conceitos filosóficos no trabalho: Dicionário Básico da Filosofia.

<sup>5</sup> Na maioria das vezes temos local para a assinatura dos seguintes membros: Venerável Mestre, 1º e 2º Vigilantes, Orador, Secretário e Tesoureiro.

<sup>6</sup> *Ne Varietur* : Assinatura de próprio punho do maçom. Expressão latina que significa para não ser mudado, imutável. (PUSCH, 1982, p.124)

## Figura 2: Diploma Maçônico da Loja Honra e Humanidade - 1885



Fonte: Acervo Museu Maçônico Rocco Felippe.

Algumas representações demonstram-se usuais na grande maioria dos diplomas, formando assim tipos específicos de tipologias utilizadas, mas em sua grande maioria são usados os utensílios que representam simbolicamente a maçonaria original<sup>7</sup>, são as ferramentas do pedreiro/construtor, principalmente o esquadro que simboliza a força criadora, a prudência, justiça e verdade e o compasso que representa a retidão, caráter, franqueza e legitimidade.

Fica visível também a utilização de colunas, que simbolizam a união entre o céu e a terra, representação de firmeza e força, a bíblia fala de duas colunas onde repousa o mundo, para a maçonaria são lembradas as duas colunas da entrada do templo de Salomão, onde uma se chamava “Jaquin” (Ele firma) e a outra “Booz” (Nele há força)<sup>8</sup>.

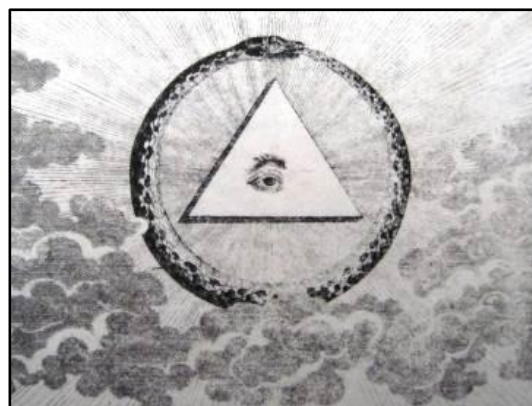
<sup>7</sup> A Maçonaria é relacionada a corporações de pedreiros-livres (Guildas e Compagnonage.) artifices da construção e arquitetura. (PUSCH, 1982, p. 49)

<sup>8</sup> A representação pode ser vista na Bíblia – Réis 7;15-22 : 15 Então ele fez as duas colunas de cobre fundido. Cada coluna tinha 18 côvados de altura e era necessária uma corda de medir de 12 côvados para dar a volta em cada uma das colunas. 16 Também fez dois capitéis de cobre fundido para serem postos no topo das colunas. A altura de um capitel era de cinco côvados, e a altura do outro capitel também era de cinco côvados. 17 O capitel no topo de cada coluna tinha redes de malha com correntes entrelaçadas, sete para um capitel e sete para o outro capitel. 18 E ele fez duas fileiras de romãs em volta de cada rede para cobrir os capitéis que ficavam no topo das colunas; ele fez o mesmo para os dois capitéis. 19 Os capitéis no topo das colunas do pórtico tinham o formato de um lírio de quatro côvados de altura. 20 Os capitéis ficavam sobre as duas colunas, logo acima da parte arredondada rodeada pelas redes; e havia 200 romãs em fileiras em volta de cada capitel. 21 Ele ergueu as colunas do pórtico do templo. Ergueu a coluna da direita e lhe deu o nome de Jaquim, depois ergueu a coluna da esquerda e lhe deu o nome de Boaz. 22 O topo

Demonstrando assim outra tipologia muito comum, a da utilização ou assimilação de símbolos até então utilizados em instituições religiosas.

Outra característica marcante é o piso confeccionado em quadrados pretos e brancos, chamado de pavimento mosaico, simboliza a união universal, a dualidade presente em todas as coisas, a harmonia independente das diferenças.

## Figura 3: Delta e a serpente

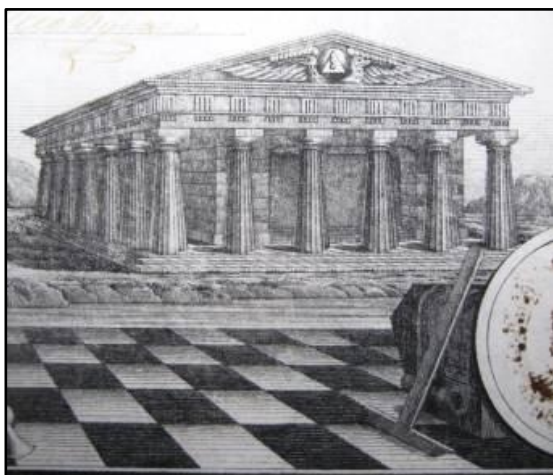


Fonte: Acervo Museu Maçônico Rocco Felippe.

Entre as nuvens vemos um símbolo repleto de denominações: O Olho da Providência, Olho de Deus, Olho Onividente ou Olho que tudo vê, dele emana raios, que são os símbolos ou a expressão do poder divino, manifestado, o triângulo está relacionado ao número três, a trindade, símbolo de harmonia, já o olho simboliza a onipresença e onisciência de Deus, que cuida de todas as coisas, representação do início da cultura pré-cristã. (BECKER, 1999, p. 202)

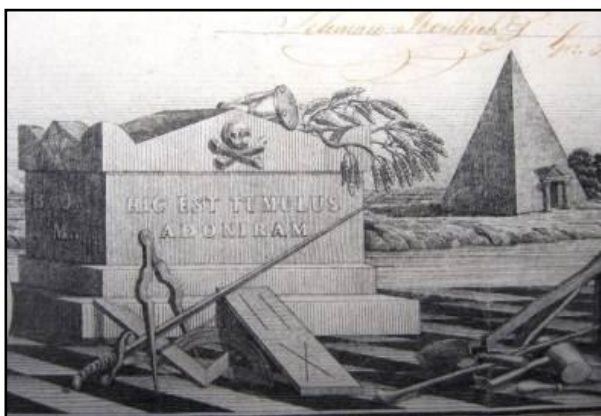
A referência ou descrição inicial de sua utilização no contexto das instituições maçônicas é visto no livro: *O Monitoramento Maçônico*, escrito pelo maçom e comerciante norte-americano Thomas Smith Webb em 1797.

das colunas tinha o formato de um lírio. Assim se completou o trabalho das colunas.

**Figura 4: O templo**

Fonte: Acervo Museu Maçônico Rocco Felipe.

O templo, como recinto, representa o que é culto e sagrado, também liga o homem e o universo. Na maçonaria, relaciona-se com o Templo de Jerusalém ou Templo Salomão, sendo um símbolo mítico de perfeição e harmonia. No seu frontispício ainda podemos ver duas águias, separadas pelo delta que é um triângulo com a transcrição em hebraico iod – Deus Javé, é a representação da divindade, fonte de toda energia. As águias estão associadas ao sol e ao céu, a força da fé. (BECKER, 1999, p. 281)

**Figura 5: O túmulo e a pirâmide**

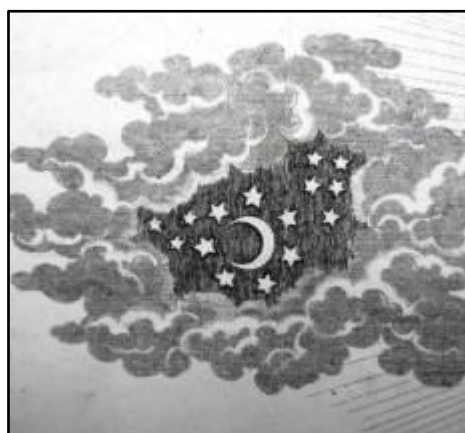
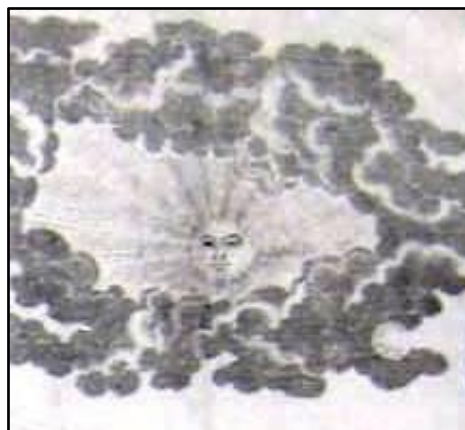
Fonte: Acervo Museu Maçônico Rocco Felipe.

Aqui vemos uma grande quantidade de representações simbólicas, além dos instrumentos do pedreiro-livre. Alguns merecem uma descrição, é o caso da espada, que sempre teve vínculo com os atributos militares, força e coragem, mas que pode

representar com sua lâmina a separação entre o bem, o mal e a justiça. A ampulheta é a representação da passagem do tempo e da morte, considerada o fim e o recomeço; o crânio com os ossos é o símbolo da mortalidade do ser.

A imagem principal é o túmulo e a pirâmide que inicialmente tem o mesmo aspecto, o de uma morada, lugar de repouso, abrigo para o esperado renascimento; o túmulo em questão recebe a inscrição HIC EST TUMULUS ADOMIRAM, “Esse é o Túmulo de Adomiram.”, para o Rito Adonhiramita, retrata o personagem Adomiram, arquiteto de Hiram a serviço de Salomão. (PUSCH, 1982, p. 135)

A pirâmide ainda pode ser relacionada com o conhecimento, o saber misterioso, sendo também uma representação e símbolo de riqueza.

**Figura 6,7: O Sol e a Lua.**

Fonte: Acervo Museu Maçônico Rocco Felipe

Representados na maioria das vezes nas partes superiores dos diplomas, notam-se o sol e a lua, o sol como astro diurno, símbolo da divindade,

fonte de luz, por extensão sabedoria, vida e ressurreição, já a lua o astro noturno, formando com o sol a dualidade. Em alguns mitos a lua é descrita como irmã, esposa ou a amada do sol e também é considerada o símbolo do inconsciente, passividade e receptividade.

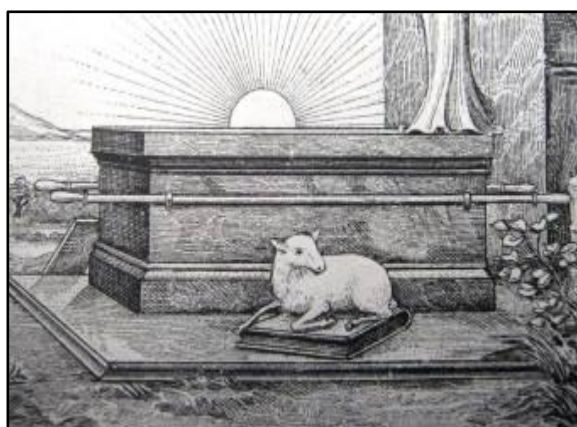
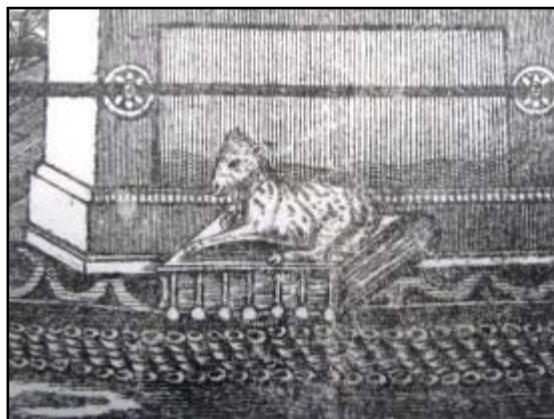
**Figura 8,9: O Pelicano.**



Fonte: Acervo Museu Maçônico Rocco Felipe

Pelicano é representação da expiação de Jesus, através da lenda que na falta de alimento a mãe pelicano rasga o peito e dá ao próprio sangue aos filhotes. Ainda é símbolo do amor paterno e materno, já na linguagem simbólica hermética, o pelicano é uma ave que representa a pedra filosofal, que se transforma ou dissolve-se em outro elemento. (BECKER, 1999, p. 215).

**Figura 10,11: O carneiro, o livro e os sete selos- Arca.**



Fonte: Acervo Museu Maçônico Rocco Felipe

Aqui representado temos o cordeiro, o livro, com ou sem os sete selos e a arca, O Cordeiro, o Livro e os sete selos são um símbolo composto, repleto de interpretações: O cordeiro é visto como símbolo da pureza e da inocência, conhecido por AGNUS DEI, o cordeiro de Deus, em virtude do sacrifício e da santidade de Jesus. Representa os fiéis e a Igreja; o livro simboliza a sabedoria, conhecimento e totalidade do universo, para os cristãos é a palavra de deus, pura e verdadeira; os sete selos representam as virtudes cardeais do homem, selos que em uma das figuras não é representado. Em conjunto é símbolo para aqueles que recebem a verdade de Deus, compreensão e sabedoria infinita, obedecendo as suas leis.

Temos ainda próximo a este símbolo a arca, que é um símbolo da igreja, simboliza a totalidade do conhecimento sagrado. A mais conhecida é a arca da aliança, que seria uma caixa de madeira revestida de

ouro onde eram guardadas as tábuas das leis, no medievo era um símbolo mariano, pois Maria guardou dentro de si Cristo. (BECKER, 1999, p.24)

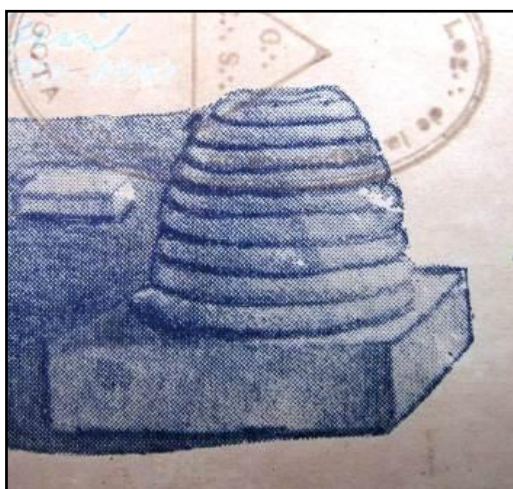
**Figura 12: A esfinge.**



Fonte: Acervo Museu Maçônico Rocco Felippe

Em uma análise rápida, nota-se que a maçonaria tem em suas concepções simbólicas uma grande diversidade de assimilações, judaico-cristãs, clássicas e egípcias<sup>9</sup>, é o caso da representação de uma esfinge em seus diplomas. A esfinge é um ser híbrido, meio humano meio animal, corpo de leão e cabeça de rei, ou rainha, é um símbolo de soberania, força e poder entre os egípcios, representada comumente com o rosto feminino, simboliza o mistério, o conhecimento a ser decifrado.

**Figura 13: A colmeia**



Fonte: Acervo Museu Maçônico Rocco Felipepe

A colmeia como um elemento simbólico na arte cristã medieval foi símbolo de Maria, que em si abrigou a doçura. Para a maçonaria seu significado é o mesmo da abelha, que simboliza o caráter operativo e solidário da fraternidade. Na França foi símbolo real e no Egito, foi associada ao sol e à alma. Também fato de muitas abelhas padecerem no frio do inverno era relacionada com a morte e a ressurreição. (BECKER, 1999, p. 7)

### Considerações finais

Nota-se que por mais antigos que sejam os símbolos utilizados, os mesmos sofrem constantes ressignificações, sendo também assimilados por grupos diferentes, sempre definidos por um contexto histórico e social, que acaba por criar sistemas simbólicos coletivos ou individuais que estreitam as relações humanas.

Assim, independente da origem primordial destas representações, existe uma aceitação e uma compreensão de seu significado e natureza. Os símbolos são a exteriorização de ideias e pensamentos e por mais que a maçonaria não seja considerada uma religião, mas sim uma sociedade filosófica, a frase de Jung "O papel dos símbolos religiosos é dar significação à vida do homem."<sup>10</sup>, retrata bem o quanto os símbolos se fazem presentes e fundamentais.

### Referências

BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*. Editora Paulos. 2ª Edição, São Paulo, 1999.

BÍBLIA SAGRADA .Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous - Bélgica. Edição 195º . Ed. Ave-Maria.2011. São Paulo.

CARVALHO, Márcio Dillmann de. *Além das colunas do templo: Um estudo do Museu Maçônico Rocco Felippe*. 2011. 57f. Monografia, Bacharelado em

<sup>9</sup> A maçonaria sempre empregou elementos simbólicos egípcios, além disso, criou um Rito Maçônico Egípcio, o Rito de Memphis Misraim.( MACNULTY, 2007, p.181)

<sup>10</sup> O livro de Carl Gustav Jung é apresentado como uma autoanálise do autor, refletindo sobre vários temas e suas convicções. (JUNG, 1975, p. 85)

Museologia, Universidade Federal de Pelotas.  
Pelotas, RS

CARVALHO, Willian Almeida de. *Pequena História da Maçonaria no Brasil*. Revista de Estudos Históricos de La Masoneria - Latinoamericana e Caribenã. v.2 , n. 1, 2010.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: Estudos Avançados, Rio de Janeiro, n.11(5), 1991.

JAPIASSU Hilton, MARCONDES Danilo, 1996, *Dicionário básico da filosofia* 3º Ed. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.

JUNG, Calr Gustav., *Memórias, sonhos e reflexões*, Editora Nova Fronteira, RJ 1975.

MACNULTY, W. Kirk. *A Maçonaria: símbolos, segredos e significados*. Ed. Martins Fontes. S. Paulo, 2007.

PUSCH, Jaime. *ABC do Aprendiz*. 2º Ed. Tubarão.1982. 146p.

SILVA, Marcos José Diniz. *Moderno-espiritualismo e espaço público republicano-maçons, espiritas e teosofistas no Ceará*. Tese Doutorado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. 2009.

Thomas Smith .Webb's Freemason's Monitor- Including the first three degrees.  
Compiled by James Fenton, P.M.. Editon 1865.  
Disponível em :<  
[http://www.pagrandlodge.org/district37/D37\\_Pdfs/Free\\_masonsMonitor\\_byThomasWebb.PDF](http://www.pagrandlodge.org/district37/D37_Pdfs/Free_masonsMonitor_byThomasWebb.PDF) > Acessado em 12 de novembro de 2014.